



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

VINÍCIUS RODRIGUES ALVES GOMES

**O PEDAGOGO COMO DIGITAL INFLUENCER
NO INSTAGRAM**

BRASÍLIA
2021

VINÍCIUS RODRIGUES ALVES GOMES

O PEDAGOGO COMO DIGITAL INFLUENCER NO INSTAGRAM

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagogo.

BRASÍLIA

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

VINÍCIUS RODRIGUES ALVES GOMES

TÍTULO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagogo. Apresentação ocorrida em 03 de Novembro de 2011, via Microsoft Teams.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

Mayume Melo Kanegae – Pedagoga UnB (Examinadora)

Karina Lie Sato Inatomi – Pedagoga UnB (Examinadora)

Beatriz Rocha Pereira – Pedagoga UnB (Examinadora suplente)

BRASÍLIA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo autor:

Nome: Vinícius Rodrigues Alves Gomes

Título: O pedagogo como Digital Influencer no Instagram

Orientadora Patrícia Lima Martins Pederiva. -- Brasília, 2021. XX p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2021.

Palavras-chave: pedagogia, Instagram, digital influencer

DEDICÁTORIA

Dedico este trabalho a Deus, aos meus avós e aos meus pais que me apoiaram para que eu pudesse chegar até aqui.

”Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes.”
Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Concluir este curso, nesta Instituição, para mim, é muito mais do que a conclusão de uma etapa da minha formação acadêmica. É a realização de um sonho, vivido por mim e pela minha família. De um sonho que começou a ser planejado há alguns anos atrás, quando eu ouvia falar da UnB e dizia para mim mesmo: "Vou estudar aí"!

Foram os meus sonhos que me moveram em direção ao nível superior, mas foi graças à presença de pessoas muito especiais em minha vida que o caminho tornou-se possível. E agora, nesta parte, busco tentar expressar em palavras o intenso sentimento de gratidão, felicidade, amor e carinho por pessoas que marcaram essa parte da minha caminhada.

Agradeço a Deus por ter me abençoado muito mais do que eu mereço, à minha família, em especial minha vó que em meio ao grande conflito pandêmico chamado Coronavírus me motivou a continuar escrevendo mesmo estando desgastado psicologicamente, a todos que de certa forma me disseram uma palavra amiga e me deram um 'puxão de orelha'. Aos meus pais, que me ajudaram com cada dinheiro para xerox, lanches, compras de livros e até passagem de ônibus. A minha prima Viviane que protagonizou boa parte incentivadora dessa história. Aos meus amigos por estarem sempre ao meu lado, cada um do seu jeito.

Muitas pessoas representam o incentivo que eu deposito nesse trabalho, de forma direta ou indireta dou luz as dificuldades vividas no passando. Semeio um futuro mais confiante e com muitas experiências profissionais. Que a partir desse ponto todas as gerações futuras se sintam confiantes e potencializadas pelo esforço e pela gratidão que é ter um trabalho concluído. Por isso, deixo minhas pegadas humildes para que um dia possam ser seguidas. Assim seja, me sinto muito orgulhoso.

RESUMO

Este trabalho percorrerá um debate sobre a atuação de pedagogos homens homossexuais em diferentes áreas externas na educação informal. Gerando uma discussão que visa dar credibilidade ao trabalho de pedagogos homens gays que por sua formação deveriam estar em sala de aula, mas atualmente estão desempenhando seu trabalho nas redes sociais, focando em um trabalho de *Digital Influencer* no aplicativo Instagram. É interessante pensar que ambientes não escolares podem trazer receios para aqueles que sonharam no ambiente físico da sala de aula e hoje estão trabalhando em um ambiente virtual na internet, sem os espaços físicos construídos. Vale ressaltar os agravos das frustrações encontradas no caminho como pedagogo homem homossexual em atuação na educação infantil, e mostrar como o Instagram foi uma válvula de escape que me abriu portas de trabalhos enquanto pedagogo para ser um *Digital Influencer*. Logo, mostrarei essas atividades enquanto *Digital Influencer* que podem ser realizadas por pessoas com formação em Pedagogia. Utilizarei uma metodologia de trabalho lúdica e diferente, que traz o próprio aplicativo Instagram como forma concreta deste TCC em forma de *posts* (que são publicações no aplicativo).

Palavras chave: pedagogia, Instagram, digital influencer, posts, alternativa de trabalho

ABSTRACT

This work will cover a debate on the role of homosexual male pedagogues in different external areas in informal education. Generating a discussion that aims to give credibility to the work of gay male pedagogues who, due to their training, should be in the classroom, but are currently performing their work on social networks, focusing on a work by Digital Influencer on the Instagram app. It is interesting to think that non-school environments can bring fears to those who dreamed of the physical environment of the classroom and are now working in a virtual environment on the internet, without the physical built spaces. It is worth highlighting the aggravations of the frustrations encountered along the way as a homosexual male pedagogue working in early childhood education, and showing how Instagram was an escape valve that opened doors for me to work as a pedagogue to be a Digital Influencer. Soon, I will show these activities as a Digital Influencer that can be performed by people with a background in Pedagogy. I will use a playful and different work methodology, which brings the Instagram app itself as a concrete form of this TCC in the form of posts (which are publications in the app).

Key-words: pedagogy, Instagram, digital influencer, posts, alternative work

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	11
INSTAGRAM: HISTÓRIA, CONCEITOS E FUNCIONALIDADES:	20
A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO INSTAGRAM:	22
CONCLUSÃO:	24
REFERÊNCIAS:	26
ANEXOS:	28

INTRODUÇÃO

Minha vida acadêmica se inicia com o grande sonho de me tornar o primeiro filho a ter o nível superior aqui em casa. Parece um sonho muito *clichê*, prematuro, mas que me trouxe até aqui, na escrita desse trabalho final de curso (o TCC). Meu nome é Vinícius Rodrigues, tenho 25 anos, moro no Gama - DF., e minha vida desde pequeno foi muito simples, carregada de amor. De pais muito esforçados e que abraçaram e abraçam cada sonho comigo. Meus avós formam a estrutura que me acolhe até os dias atuais, e não porque sou “brigado” com meus pais, sim, pelo simples fato de querer permanecer com eles, aqui em casa até os dias atuais, promovendo uma atenção e cuidado maior para com ambos. Em 2015, saio de uma escola pública de referência chamada CEMI (Centro de Ensino Médio Integrado a Educação Profissional do Gama) onde estudei por todo o ensino médio. Por lá, tive um estudo em tempo integral onde pude conviver com áreas da iniciação científica e até mesmo contribuir com projetos nas feiras de ciências, mas como alguns jovens, me formei com a grande dúvida: O que vou fazer na faculdade? Alguns testes vocacionais foram feitos e todos eles sempre com respostas diferentes, já apontou direito, medicina, enfermagem, psicologia, entre outras. Mas nenhuma alternativa consolidava com meu desejo íntimo de querer ser professor da educação infantil, ser pedagogo. Pois bem, me inscrevi no vestibular da UnB e passei.

No meu primeiro semestre, tive a grande ajuda de um primo meu, o Yuri, que já estudava na UnB, foi ele que me ajudou a desbravar os caminhos da imensa Universidade que agora eu faço parte, e claro, encontrar a Faculdade de Educação – FE, que até então eu não tinha noção de onde ficava e eu precisava efetivar minha matrícula, realmente uma aventura necessária para todo calouro. De imediato, a faculdade de educação tomou conta de mim e me “encheu os olhos”. Tinha ainda mais certeza que era naquele espaço que eu queria estar na maioria dos meus dias acadêmicos. De início, consigo lembrar através dos meus registros que guardo até hoje, minha primeira aula: “Oficina Vivencial” com o professor Paulo Sergio Bareicha, me lembro que naquele instante eu conhecia muitas pessoas, muitos calouros, muitos jovens e também muitos colegas em busca da segunda graduação. Lembro que me sentia obcecado em saber que eu estava ali, ainda atrás da primeira graduação e, muitos colegas, em busca de mais conhecimentos na área da educação. Consigo lembrar que o professor propôs que fizéssemos um círculo para que pudéssemos desenvolver a primeira atividade do dia, que era uma dinâmica com a finalidade de desenvolver o nosso modo observatório e, logo em seguida, uma sugestão

de um mini círculo onde encontramos pessoas com gostos e qualidades diferentes, como eu contei aqui, um momento onde estávamos nos conhecendo e que seria um momento encantador pra mim. Neste mesmo semestre, tive outras disciplinas que me motivaram a estar ali de segunda à sexta-feira. E, ainda, me lembro que na disciplina Projeto – I, o tema da turma era perceber e construir uma escola inclusiva. De cara, eu já me integrava nas perspectivas sociais e afetivas da comunidade LGBTQIA+. Mesmo que de uma forma muito prematura, **eu já queria fortalecer a inclusão de meus colegas**, enquanto alunos, enquanto comunidade escolar, enquanto futuros pedagogos.

No segundo semestre, com aprovação em todas as disciplinas do primeiro, eu já conseguia me sentir mais pertencente a minha área, mesmo sabendo que ainda estava longe do fim da concretização de um sonho. No segundo semestre, eu percebia cada vez mais as possibilidades dos campos de atuação do profissional pedagogo em ambientes escolares e não-escolares, tais como empresas, hospitais, entre outros. Promover a aprendizagem de crianças, jovens e adultos, nas diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo, já era a responsabilidade que eu queria ter para a melhoria em cada falha no ambiente de ensino. Neste momento, eu já estava no mês de Junho, finalzinho do primeiro semestre de 2016. E, aqui, também, eu já me sentia tomado pelas visões e conteúdos estudados na disciplina: O Educando com Necessidades Educacionais Específicas. Em que eu podia perceber que a falta de entendimento das diferenças entre os seres humanos no decorrer da existência das civilizações fez com que os diferentes sempre fossem tratados de forma relativamente agressiva e confusa, por sua vez, rotulados, segregados, discriminados, excluídos e em alguns casos exterminados. Outras vezes, pela mesma falta desse entendimento à própria pessoa diferente, assumiria atitudes muito particulares como auto punição, o isolamento e até mesmo a agressividade, me fazendo perceber a necessidade de medidas que pudessem minimizar essa percepção social equivocada e errada.

No terceiro e quarto semestres, eu já estudava todos os dias na faculdade e trabalhava durante o período diurno no Museu Nacional da República, até aí, um grande embate na minha vida profissional e acadêmica. Foi um dos períodos mais cansativos que enfrentei, embora, eu gostasse bastante da minha rotina no Museu Nacional, onde eu trabalhava como Mediador, um profissional responsável por explicar as exposições existentes no Museu para os visitantes. Acontecia um treinamento a cada determinado período da exposição. Cada exposição durava em torno de dois a três meses, e eu trabalhava nessa profissão de terça-feira a domingo, de 09hrs da manhã até às 19hrs.

Talvez, agora, eu consiga, mais ainda, perceber o porquê de ter sido um período bem cansativo pra mim, ao ponto que eu precisava de dinheiro pra sustentar meus custos eu precisava estudar, pegava o ônibus (o famoso 110) às 19hrs, quando, na verdade, eu já teria que estar em sala de aula. Nesse período de tempo no Museu, eu me sentia, confesso, dentro da minha futura profissão. Dominar um conteúdo e passar para cada visitante era o que eu realmente queria e gostava de fazer. Sem contar que eu recebia inúmeros grupos de crianças que colocava em seus passeios, visitas ao Museu como forma de contemplar a cultura local de Brasília ou, a cultura de uma forma geral. Eu adorava quando havia visitas de várias escolas, o Museu ficava feliz, lindo e tomado pela parte primária que me tocava, a Pedagogia. Eram grupos de muitas crianças e eu, estando ali na frente deles como Mediador, me sentia pertencente e professor deles por algum momento. Já na Faculdade de Educação, eu pude ter nesse tempo o contato com disciplinas relacionadas à Psicologia e à Educação, me fazendo compreender e entender o desenvolvimento do ser humano e o comportamento como objeto de estudo.

No quinto semestre, começava a entrar na minha vida de estudos, outros campos de atuação do profissional Pedagogo, entre eles, a classe hospitalar, o Pedagogo Hospitalar na disciplina da professora Amaralina. Era a primeira disciplina na minha vida acadêmica que eu cursei no período da manhã, já que não havia tempo para pegar outras disciplinas durante o dia. Nessa época, eu ainda estava no Museu e, no meu único dia de folga, que era às segundas-feiras eu cursei a disciplina. Confesso que eu me sentia até então um futuro pedagogo capaz de lidar com as diferentes áreas de atuação. Minha experiência da Classe Hospitalar era estudar a hospitalização e sua função em obter a cura ou a possibilidade da melhora de pacientes que eram assistidos pelos pedagogos que estavam ali, era compreender como a criança enfrentava esse novo processo na sua vida, de estar no hospital diariamente e fora de sua sala de aula, era entender, também, as mudanças que aconteciam na vida cotidiana e a compreensão desse novo processo. Nesse momento, ao cursar a disciplina, pude perceber que até então, eu me encaixaria perfeitamente como um pedagogo hospitalar, pois havia gostado muito da temática, mesmo não sendo o meu objetivo principal na Pedagogia, que era ser um professor da Educação Infantil. Mas, ao saber que eu poderia estar em um hospital com pedagogo hospitalar e, que eu poderia lidar com pacientes/alunos pequenos, explicar sobre a internação pra eles, sobre a rotina hospitalar e sobre a sala de recuperação pedagógica e a recreação, já me fazia ter mais esperanças em ser um pedagogo e lidar com a educação infantil de uma certa maneira.

No sexto e no sétimo semestres, começava os meus estágios obrigatórios e meus projetos. No sexto semestre eu consegui entrar no Hospital Universitário de Brasília para Conhecer e identificar o trabalho pedagógico na Brinquedoteca do hospital, conceituar e colocar em prática as teorias e conhecimentos adquiridos na disciplina Introdução a Classe Hospitalar do semestre anterior, descrever as vivências do pedagogo na área hospitalar, o ambiente (Brinquedoteca), a importância da humanização na Classe Hospitalar, bem como, a identificação das maiores angústias externadas pelas crianças, o crescimento pessoal e profissional, e o principal, o caráter humanitário: pessoas ajudando pessoas, esse era o meu objetivo nesse estágio. Bom, quando eu cheguei ao hospital eu me senti a pessoa mais realizada, estar ali na Pediatria, estar ali na Brinquedoteca foi simplesmente a realização de um sonho acadêmico e a identificação profissional mais óbvia: estava lidando de certa maneira com a educação infantil, até então, na maioria dos casos existentes naquele ambiente. Me mantive com firmeza e postura diante dos meus compromissos, diante da própria proposta da pedagogia hospitalar e utilizei o espaço da melhor forma possível, desde atividades xerocopiadas à jogos lúdicos pedagógicos usados por mim para com as crianças. A minha interação nesse período foi bem harmoniosa, consegui contemplar muito bem a escuta sensível (que eu ouvia tanto falar na disciplina de Introdução a Classe Hospitalar) e desempenhei com maestria a missão que eu mesmo me dei: atender por amor, ajudar e aprender com eles, os pequeninhos. Pude observar que, dentro da Pedagogia Hospitalar, a humanização era um dos aspectos mais importantes e pude discorrer sobre essa importância e de como ela era fundamental para o tratamento dos pacientes que estavam sendo atendidos por mim. Analisei também que a Pedagogia Hospitalar vinha crescendo e promovendo resultados positivos para a vida das crianças e adolescentes enfermos que eu convivía, trazendo um pouco mais de alegria e conforto para um ambiente habitado por tantas incertezas. Essa certeza eu pude ter diariamente quando os pacientes correspondiam com amor e carinho cada detalhe das atividades e diálogos que eu desenvolvia. Para além de todas as emoções e momentos, o sexto semestre me fez acreditar até então que eu estava realmente no lugar certo, no curso certo e que o trabalho pedagógico no Hospital Universitário de Brasília era sim um trabalho contínuo e que iria me fazer um profissional ainda mais dedicado, talvez por se tratar do convívio com crianças menores, de 05, 06, 07 anos em diante.

No sétimo semestre eu me dedicava quase que por inteiro ao projeto LeiA (Leitura e Ação). Esse projeto me conectava ao que eu realmente queria desde então, o contato direto com as crianças. O projeto LeiA era oferecido aos Sábados em uma região bastante

humilde perto de onde eu moro até. Era desenvolvido em Pedregal-GO, e eu moro no Gama. Um dos motivos que me deixou mais confiante nesse projeto foi o fato de conseguir me dedicar 100% aos Sábados para essas crianças. O objetivo do LeiA era oferecer o contato das crianças com o livro, por isso Leitura e Ação. Onde fazíamos uma dinâmica inicial, a contação de histórias, leituras de livros infantis e pedagógicos e uma dinâmica final, além de um lanche que era oferecido também. O LeiA contava com diversos colaboradores e por isso era um projeto tão grande, entrei no LeiA e permaneci lá por 1 ano e meio. O projeto era coordenado pelo professor Erlando Rêses e executado por nós estudantes da Pedagogia. O contato direto com o LeiA foi a maior experiência que eu tive dentro da educação infantil em um ambiente não-escolar. **Foi lá também que eu comecei a perceber algumas dificuldades em ser um profissional Gay.** É muito difícil explicar o que acontecia, mas eu sentia o **estranhamento** de algumas crianças com o meu jeito de se vestir e com a minha voz. Era muito difícil de compreender o que levava eu ser o **pedagogo “tão estranho”** ali, até que uma criança um dia me perguntou: você é uma tia, ou um tio? Eu me lembro, como hoje, o engasgar da minha garganta a uma pergunta tão inocente de uma criança, que, de imediato recebeu a minha resposta: sou o tio. Mesmo não me sentindo propriamente “um tio”. O projeto LeiA me fez lembrar todas às vezes que eu fazia processo seletivo para estagiar em colégios particulares, e por mais que eu passasse no processo seletivo, eu ouvia: **se nós contratarmos você, os pais vão reclamar no outro dia.** Isso aconteceu nos colégios de cunho religioso e alguns outros colégios. A reflexão que eu tinha carregado na minha vida acadêmica até o sétimo semestre era o de que nunca iria conseguir trabalhar em uma escola particular e por isso teria que aproveitar muito o LeiA para ter o contato com as crianças. Confesso que foi muito difícil e que em vários momentos me senti constrangido com as perguntas que as próprias crianças me faziam. Era muito surreal o embate de sentimentos que eu sentia, ao mesmo tempo que eu amava estar ali, eu me sentia muito mal quando ouvia uma pergunta sobre **o que eu era**, ou sobre **porque eu me vestia de tal forma**, ou sobre **porque minha voz era igual das “tias”**. Eu nunca acreditei que o preconceito era das crianças e sim da família, sociedade, onde elas estavam inseridas. O LeiA era o embate que eu tinha para fortalecer a minha pele e aguentar tudo que ainda viria pela frente, mas, infelizmente, não veio, depois que eu sai do LeiA, permaneci apenas seis meses como voluntário e **nunca mais eu tive contato com a educação infantil, e não porque eu não queria, era simplesmente pelo fato de ser um profissional, ou futuro profissional gay.** Mesmo que em todas as entrevistas feitas para estagiar nunca usassem essas palavras, mas eu

sentia que era por esse motivo, eu sabia exatamente que era pelo fato de ser gay, e que eu não poderia cuidar e nem ser um estagiário naquela escola. Os pais, a comunidade escolar, os próprios colegas (alguns) não se sentiriam confortável em me ter como o estagiário ou o monitor que auxiliaria no banho, na alimentação e na educação dessas crianças.

E foi no oitavo semestre que eu concluí que eu não poderia desistir, ao mesmo tempo, que eu nunca iria ter o meu estágio em escolas na área da educação infantil, nem pelas escolas particulares que eu tentei e nem pelas escolas públicas que eu passei pra pedir alguma oportunidade, **nunca me entrou de fato na cabeça que minha identidade de gênero poderia ser tão forte ao ponto de me “atrapalhar” na profissão que eu tinha escolhido há alguns anos atrás.** Nesse período, começa junto com a minha vida acadêmica, um novo processo na minha vida nas redes sociais, principalmente no Instagram, **onde comecei a expor mais os meu dia a dia**, os meus dias até mesmo no LeiA e os meus dias na faculdade. Eu não contava nada focado na Faculdade de Educação, e sim na UnB, era mais uma parte de mostrar onde eu estava dentro da UnB e mostrar ela fisicamente pra quem me seguia, além de mostrar os lugares que eu ia, e os lugares no Gama onde eu moro. Eu já fazia tudo isso antes, mas, depois de uma frustração com a minha futura vida profissional, eu comecei a fazer de uma maneira mais rotineira, e **foi no Instagram que eu comecei a encontrar algumas respostas.** Tenho Instagram bem antes de precisar me assumir como homossexual e bem antes de entrar na Universidade, **mas depois que eu criei coragem para me aceitar exatamente como eu era, foi o momento em que as situações começaram a mudar.** Uma disciplina na UnB chamada Pensamento LGBT Brasileiro me deu coragem para ser o Vinícius que eu deveria ter sido o tempo todo. Aqui nesse momento já havia pouquíssimos créditos que eu deveria cumprir na UnB, mas existia uma grande questão: continuar com o curso ou não? O que vou falar no meu TCC?... No final de 2019 começa os questionamentos em meio ao início de uma pandemia, que pausou forçadamente a minha vida acadêmica e me deixou por um bom tempo mais desanimado com tudo. Um turbilhão de pensamentos tomava conta de mim, e eu já estava quase desistindo de tudo, não havia mais forças para continuar com o curso de Pedagogia, mesmo sendo o meu sonho, acontece que eu já estava frustrado demais e eu já havia tido conclusões talvez precipitadas de que não adiantava mais em nada me formar, já que **eu nunca poderia ser o pedagogo gay**, já que eu nunca poderia ser realmente quem eu era. Foi aí que **o Instagram foi me abrindo portas...**

O aplicativo desde sempre já fazia parte da minha vida. O meu intuito como contei brevemente nos parágrafos anteriores era e é justamente o de registrar imagens e

momentos do meu cotidiano, com fotos, vídeos, stories, reels, etc. Cada funcionalidade do Instagram com um objetivo que eu mesmo definia. Até que meados de 2018 para 2019, eu comecei a trabalhar de uma forma informal com o Instagram, foram dois momentos que eu preciso explicar. O primeiro como Social Mídia e o segundo como *Influencer Digital*. Enquanto Social Mídia minha tarefa era responder os clientes que mandavam mensagens no Instagram da empresa que eu cuidava, bem como criar publicações para esse Instagram e desenvolver estratégias para que o produto tivesse mais alcance nas redes sociais. O designer gráfico criava a arte e eu pensava na legenda que a arte iria ter, para assim poder publicar. Eu fiz isso por muitos anos e até hoje faço. O trabalho é informal porque eu não sou contratado de carteira assinada nessas pequenas empresas. Eu considero o Instagram um aplicativo que foi rapidamente pulverizado nos últimos tempos, passando outras redes sociais conhecidas como: Facebook, Tumblr e Twitter com milhões de usuários desde o seu lançamento. Atualmente consigo mais ainda perceber que o Instagram cresce em uma velocidade absurda, e é raro que uma empresa ou uma pessoa não tenha um perfil criado no Instagram. Nesse primeiro momento como estou contando, o meu papel é o corporativo, é o profissional no cargo de Social mídia, o responsável pelas mídias sociais de uma determinada empresa.

No segundo momento, classifiquei de *Influencer Digital*, que é o meu próprio perfil no Instagram. Na cidade onde eu moro, aqui no Gama, as pessoas e meus amigos dizem que eu sou “bem conhecido” e isso me trouxe alguns benefícios no Instagram. Foi aqui que eu me encontrei. É “muito louco” **pensar que em uma rede social eu pudesse ser exatamente quem eu era e alcançar pessoas que realmente gostariam de mim como eu sou.** Atualmente, tenho mais de 16 mil seguidores e uso a minha plataforma para promover pequenos e grandes estabelecimentos do Gama e até mesmo do Distrito Federal. Promover esses estabelecimentos me fez pensar no *Influencer Digital*. Influenciar pessoas seria o que eu faço hoje em dia através do meu Instagram. Onde também dou dicas de outros temas e público o meu conteúdo. Hoje em dia, meu conteúdo é realmente mostrar o que há de bom e novo nas cidades do DF. Podendo gravar o meu conteúdo exatamente como me sinto melhor, que por muitas vezes é maquiado. E falar em maquiagem pra mim é um processo muito emocionante e um ato de resistência também, porque até anos atrás eu não poderia se quer passar uma base, ou um rímel porque ouvia palavras de baixo calão e piadinhas. Nesse momento, o Instagram me ajuda a reafirmar quem eu sou, pois encontrei pessoas que estão me seguindo e me acompanhando porque gostam de me ver maquiado, que gostam do que eu posso levar a

elas. **Uma reflexão justamente do que eu jamais poderia fazer enquanto professor da educação infantil, enquanto pedagogo.** Imagine eu entrar em uma sala de aula maquiado e exercer a função que tanto lutei pra ter... Até hoje eu não consigo pensar nessa hipótese.

Instagram: O lugar virtual que me enche de orgulho por ser exatamente quem eu sou. Minha essência sempre foi desde pequeno muito feminina, e através dessa rede social eu encontro apoio, eu encontro trabalho e encontro pessoas positivas que me dão forças para continuar. Ser um *Influencer Digital* me traz benefícios como eu havia comentado. Hoje eu consigo cobrar por fazer uma parceria, por fazer uma presença *vip* em alguns ambientes, ou receber alguma coisa. Eu ainda não consigo sobreviver financeiramente do Instagram, porque existem muitas coisas que são feitas também na permuta. O que é a permuta no Instagram? A empresa entra em contato comigo e pede para eu divulgar os produtos dela em troca dos próprios produtos. Exemplo: uma loja de maquiagem quer eu mostre aos meus seguidores produtos novos que chegaram nessa loja, em troca de produtos existentes nessa própria loja. Essa negociação se chama permuta. E eu trabalho no Instagram com permutas e parcerias. A parceria já são contratos fechados de no mínimo 01 mês, onde eu fico exclusivamente promovendo essa empresa como *Influencer Digital*, apresentando propostas daquela empresa aos meus seguidores. Existem vários segmentos de parcerias, restaurantes, bares, lanchonetes, shoppings, lojas de diversos ramos, pequenos comerciantes, autônomos que fabricam um determinado produto, etc. É muita coisa.

O Instagram faz um “bem danado” pra mim, consigo me enxergar como o Vinícius que eu sou, **consigo me potencializar e travar uma luta diária contra o preconceito.** É uma forma de trabalho atualmente pra mim, mesmo que eu ainda não consiga sobreviver dele, eu consigo me manter minimamente como eu sou, levando autenticidade, carinho, e respeito aos meus seguidores.

O Instagram um mundo de oportunidades, é bem complexo falar dele, todo dia vivo algo diferente, todo dia há algo diferente pra fazer, e por aqui me sinto cada vez mais capaz de executar as minhas tarefas, porque **quem me procura para fechar algum tipo de trabalho já sabe exatamente que eu sou gay**, e que **muitas vezes chegam até a mim, justamente por comentários positivos que são gerados na minha cidade.** Bom, esse é o *feedback* que eu tenho, sempre que ando de sapato alto, ou quando estou maquiado, andando pelas ruas da minha cidade. **O Instagram hoje seria com certeza uma alternativa que eu encontrei de lidar com às relações escolares preconceituosas que**

eu vivi durante toda esse período acadêmico, e até mesmo as que eu não tive oportunidade de viver, porque era me negado a vaga justamente pelo fato de ser o “afeminado”, o que se “veste diferente” ou ele “o que tem a voz fina”. Essa parte engasga a minha garganta com lembranças de tudo isso que eu já ouvi. Levar um não pra casa é a oportunidade de um sim amanhã, mas **levar um não pra casa por ser quem eu sou, sempre foi traumático pra mim, foi quando **eu já não conseguia me enxergar como um pedagogo em exercício da sua função.****

No dia 19 de Setembro de 2017 eu escrevia a seguinte legenda em uma foto no meu Instagram, após um dia de tristes esperanças com o meu futuro enquanto pedagogo:

‘Vários se foram de uma única vez... Outros vários, em número bem maior, se vão diariamente pelo Brasil e pelo mundo. O ódio só sabe destruir, e ele mata ou se faz morrer. Quando reclamo ou problematizo coisas como piadas preconceituosas, sempre ouço "o mundo tá chato, não pode nem brincar mais". Se pra você é uma brincadeira, pra mim é mais uma arma apontada para a minha cabeça e para milhares de outras. Cabeças que amam e que são rejeitadas por isso. Tratar a homossexualidade como doença é tão triste, tão equivocado, mais me parece que estou vivendo há 200 anos atrás, ainda mais quando o assunto é assolado neste país. Eu realmente não quero viver com o medo transformado pelo ódio dos preconceituosos. Se o mundo tá chato para você, é porque ele tá triste pra mim. Por todos os casos diários (cuja minoria é noticiada, tampouco feito justiça), ele está triste. Por ser tratado diferente em situações comuns a todos, ou temer reações de terceiros por afetos e gestos simples, ele está triste. Não queria que orassem pela minha opção sexual. O fundamentalismo religioso (em forma de interpretações errôneas e baseadas em preconceitos íntimos), também é responsável por mortes diárias. Também não queria que entrassem de luto pela bandeira colorida. Luto são silêncios e segredos, e isso é o que lgbt nenhum aguenta mais. Quero e desejo boas energias para esse país de segunda-feira infeliz. O mundo nunca será chato pra mim, e que ele se torne cada dia mais feliz e colorido!’.

INSTAGRAM: HISTÓRIA, CONCEITOS E FUNCIONALIDADES:

O interesse por estudar as redes sociais digitais especificamente o Instagram ocorreu há alguns anos, quando me vi inserido profissionalmente no meio das mídias sociais, como um profissional perfeccionista em detalhes e como um ajudante em promover os conteúdos das empresas. A pedagogia sempre esteve em minha vida, agora em várias vertentes que eu realmente gosto.

O Instagram é um aplicativo de grande sucesso nos dias atuais. A criação foi de Mark Zuckerberg dono também da atual rede social Facebook. O intuito do aplicativo é registrar imagens e momentos dos seus usuários, dando opções de diversos tipos de postagens, como fotos, vídeos, stories, reels, etc. Uma funcionalidade muito bacana do Instagram que leva milhares de pessoas a gostarem cada vez mais do aplicativo é a disponibilização de filtros capazes de editar a sua imagem, tanto para editar fotos já existentes na galeria, quanto para editar os Stories (que são vídeos de 15 segundos cada um, podendo este ser estendido por 1 minuto). O Instagram rapidamente foi pulverizado nos últimos tempos, passando outras redes sociais conhecidas como: Facebook, Tumblr e Twitter com mais de 800 milhões de usuários desde o seu lançamento em 2012. O Instagram Stories é uma das funcionalidades mais utilizadas no momento, este recurso permite o compartilhamento de publicações que duram o prazo máximo de 24 horas. Hoje o Instagram consegue ultrapassar mais de 1 bilhão de usuários ativos mensais, quase que 13% da população mundial acessa, pelo menos uma vez por mês essa rede social, que registra taxas de crescimento de cerca de 10% por trimestre.

A rede social que eu estou falando passa por diversas mudanças ao longo de determinados períodos, incorporando a plataforma novas funcionalidades que vão além das que eu já citei aqui. Uma das mais recentes é o IGTV, que permite a publicação de vídeos com até uma hora de duração para contas verificadas. As contas verificadas é uma autenticação que o Instagram faz para validar a real identidade de algumas celebridades, políticos, cantores, jogadores de futebol, pessoas jurídicas e muitas outras, onde permite com que todos os outros usuários reconheçam a conta verificada como perfil oficial da pessoa que ele procura, o que evita a proliferação de perfis falsos relacionados a essas pessoas.

O Instagram já faz parte da vida cotidiana de muitos, penso eu, porém ainda é pouco explorado pelos professores em sala de aula, ou utilizado na Educação, tendo em vista que só maiores de 13 anos podem criar uma conta na rede social, o que não se aplica a realidade, pois existem inúmeros perfis que são monitorados pelos próprios pais das crianças, o que passa de uma decisão exclusiva desses pais em criar perfis prematuros para esses usuários.

A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO INSTAGRAM:

Foi então que eu cheguei até José Carlos Libâneo (1945), um educador brasileiro com pensamentos relacionados a diversas áreas da pedagogia. Ler Libâneo me fez encontrar a minha verdadeira atuação enquanto Pedagogo. Quando Libâneo discute o campo educativo brasileiro, ele nos mostra que a educação se faz presente em diversos lugares: na família, no trabalho, na escola, na rua, nos encontros comunitários, nos projetos sociais, na indústria, na política, nos meios de comunicação. Quando eu chego até aos meios de comunicação, eu me encontro, eu me sinto contemplado, é exatamente isso que eu faço. Estar no Instagram remete justamente ao que ele me fez enxergar: Um pedagogo como criador de conteúdo nos meios de comunicação, ou ainda um *digital influencer*. E ele ainda diz: não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. Por consequência, se há uma diversidade de práticas educativas, há também várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., além, é claro, da pedagogia escolar (LIBÂNEO, 2001, p. 7).

E se há práticas pedagógicas nos jornais, nas rádios, na produção de material informativo, tais como livros didáticos." Eu ainda arrisco em dizer que há práticas pedagógicas nas redes sociais, na comunicação com seguidores no Instagram, na interação nos Stories com outras pessoas, na divulgação de um estabelecimento, no preparo de estratégias de alcance de mais pessoas, na criação de vídeos, na edição de materiais, publicação de conteúdos e muito mais.

O Instagram foi criado em 2010, brevemente para o compartilhamento de fotos, vídeos, momentos, histórias. Porém, o aplicativo vem se tornando uma ponte de vendas e é responsável pela disseminação do marketing de influência por meio dos influencers digitais ou criadores de conteúdo nos meios de comunicação, como vimos anteriormente, e nós enquanto pedagogos criadores de conteúdo, podemos ser também pessoas que conseguem ter influência sobre outras. Pessoas que conseguem ser influentes com seus conteúdos criados, se tornam líderes de opinião, de acordo com Luz (2020, p.110).

“O consumidor enxerga o influenciador digital como outro consumidor, essa relação traz a confiança que as marcas necessitam para que seu público tenha uma experiência melhor com o produto.” (SANTOS; SILVA; SANTOS. 2016. p. 8)

Dessa forma, o meu trabalho com a produção de conteúdo juntamente com o Instagram, é capaz de gerar atração e engajamento em etapas posteriores de consumo (SECCHI, 2019).

Dados levantados pela Statista (uma empresa alemã especializada em dados de mercado e consumidores), em janeiro de 2021, o Brasil acumulava cerca de 99 milhões de usuários no Instagram, sendo assim, percebo a importância dessa rede social para o comércio brasileiro e, também, a alta relevância dos pedagogos enquanto criadores de conteúdo para as redes sociais. “Visando as empresas, o Instagram criou um perfil especial, o Instagram *business* que permite as mesmas ações que um perfil pessoal, mas possui ferramentas extras; nessa modalidade de perfil, é possível patrocinar posts para que apareçam para possíveis clientes potenciais, também se tem acesso a informações extras, como quantidade de visitas semanais ao perfil, faixa etária dos seguidores, gênero, cidade, horários e dias que eles estão mais ativos, quantidades de interações e visualizações dos posts.” (SILVA; CORDEIRO. 2020, p. 12)

Consoante a isso, as empresas dispostas a construir relacionamento duradouro com seus clientes precisam estar presentes no Instagram, uma vez que ela é a rede social com maior engajamento e que pode gerar vinte vezes mais interação do que no Facebook, segundo relatório da Socialbakers (2019). Essa ferramenta já está presente em cerca de 71% das empresas dos Estados Unidos, de acordo com uma pesquisa da Mention (2018) e 90% das contas do Instagram seguem pelo menos uma empresa, como informa dados internos divulgados pela plataforma em 2019.

CONCLUSÃO

A experiência pedagógica aqui no Instagram nunca para. Construir todo esse trabalho final no próprio Instagram foi um verdadeiro desafio, porque foge das formatações acadêmicas exigidas, porém mostra exatamente o mundo em que estou inserido, o meu trabalho e minha vida enquanto pedagogo que trabalha com as redes sociais. Claro que chegar até aqui não seria possível se eu não tivesse encontrado uma orientadora que apoiasse as minhas ideias. Acredito que é muito criativo, é lúdico e interativo o trabalho. As publicações mostram a minha vivência, as legendas se tornam a minha defesa e a conversa que meu trabalho faz com os autores escolhidos, as imagens trazem aos olhos as memórias dessas publicações, é como se estivéssemos lendo um livro.

Estar no Instagram com essa proposta de Digital Influencer, o pedagogo como criador de conteúdo e influenciador é uma aventura diária. Sempre um novo método de expor o mundo, de mostrar um estilo de vida, trazem conhecimento da existência de novos lugares, mostrar fotos, criar personagens, um mundo que acontece e que me faz acreditar justamente na minha defesa, acreditar que sou um pedagogo feito para as redes sociais, feito para pensar em maneiras de alcançar mais pessoas, feito para traçar estratégias de Marketing, feito para usar de minha fala para persuadir pessoas como o que há de bom. E se esse pedagogo que vos fala agora, pode fazer tudo isso de maneira eficaz, esse pedagogo concretiza todos os seus pensamentos no que diz José Carlos Libanêo, no que diz a Victória Vilasanti, no que diz o Samir Magoya e todos os outros que foram contemplados até chegar aqui.

Eu vivo para isso, eu vivo a exposição de contar da minha vida todos os dias para aqueles que me seguem, eu vivo para trazer credibilidade quando faço uma presença, quando divulgo uma loja, quando estou em algum lugar. Ser esse pedagogo também é estar ligado ao mundo virtual, esse mundo que me pertence cada vez mais e que concretiza o lugar do pedagogo como o lugar que ele queira estar. A educação não me foge aos olhos, pelo contrário, ela está ao meu lado no Instagram. Ao meu jeito de ter empatia pelas outras pessoas, aos meus métodos de oratória, as minhas correções de diálogos, aos meus encontros infantis e a minha liberdade de estar a frente de muitos “alunos” (que são meus seguidores) que me veem e me acompanham por onde eu estou. A pedagogia vive em mim e vive no meu mundo virtual, é ela que me faz ser uma pessoa melhor a cada dia, de

maneira singular, é ela que me faz caminhar. E com esse trajeto eu pretendo deixar pegadas no caminho para que possam ser seguidas por mais pedagogos homens gays que queiram viver das redes sociais.

São com lágrimas nos olhos que concretizo mais essa etapa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUZ, V. V. D. Comportamento do consumidor na era digital. 1. ed. Curitiba: Contentus, 2020.

SANTOS, Samir Magoya de Medeiros; SILVA, Pablo Petterson Praxedes; SANTOS, Joseylson Fagner. Gabriela Pugliesi: uma análise sobre o marketing de influência na rede social Instagram. In: Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Caruaru, 2016.

Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0157-1.pdf>

Acesso: 02/10/2021 às 02:40

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade. Porto Alegre, Faculdade de Educação/UFRGS, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. Curitiba, Educar, 2009.

SILVA, Sabrina Maria Barbosa Quintiliano. CORDEIRO, Adriana Tenório. "SEGUINDO!" MARKETING DIGITAL, INSTAGRAM E CONSUMO. Cadernos de Gestão e Empreendedorismo.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cge/article/download>

Acesso em: 10/10/2021

RAÍSA JULAI SECCHI. Raísa é especialista em Marketing e bacharel em Administração pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rs.

Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/raisasecchi>

Victória Vilasanti da Luz. Estratégia de Marketing e Comportamento do Consumidor. Possui graduação em Administração pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e MBA com ênfase em Marketing pela Lindenwood University (2015).

Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4120779/victoria-vilasanti-da-luz>

Samir Magoya de Medeiros Santos é graduado em Comunicação Social e atua como diretor de Arte na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte.

Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/224543744/samir-magoya-de-medeiros-santos>

Pablo Petterson Praxedes da Silva também é graduado em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e possui habilitação em Publicidade e Propaganda.

Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/224715011/pablo-petterson-praxedes-da-silva>

Joseylson Fagner dos Santos é Professor Assistente do curso de Comunicação Social da UERN, Doutorando em Estudos da Mídia pelo PPgEM/UFRN; Mestre em Antropologia Social; graduado em Comunicação Social

Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/6593259/joseylson-fagner-dos-santos>

Trabalho concluído. O pedagogo como Digital Influencer no Instagram.

Disponível em: < <https://www.instagram.com/tccdovini/> >

ANEXOS

